



INVADINDO CATEDRAIS



Aroldo José Abreu PINTO

Doutorando em Letras, área de Literaturas de Língua Portuguesa, Pela Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Assis/SP - Brasil.

LEITE, L. C. M. **Invasão da catedral**: literatura e ensino em debate. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

Apresentando textos aparentemente desconexos, reunidos a partir de diferentes discussões, situações, vivências e pesquisas, mas com uma proposta explícita de trabalho, *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate* (Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983), de Lígia Chiappini Moraes Leite, pode ser considerada uma profunda - e ainda recente - discussão sobre o ensino da literatura no Brasil.

Entre as inúmeras questões levantadas pela autora e que poderiam ser tomadas como fios condutores da obra, merece destaque sua incessante busca por fazer pensar ou apenas abrir a discussão sobre qual seria a função da literatura, o conceito de pesquisa e de ensino desta para a Academia que, conseqüentemente, estaria sendo repassado ao Ensino Fundamental e Médio.

Para a solidificação destas discussões, a autora inicia seu trabalho relatando rapidamente o porque de ter escolhido refletir sobre a experiência didática com a literatura. Considera que a realidade francesa, com a sua maneira de pensar as relações entre teoria literária e ensino da literatura, pode ser um ponto de partida para a realidade brasileira, já que nossos modelos são franceses.

De maneira até certo ponto provocativa, questiona se a literatura é ainda relevante para nós, ou seja, se ela nos diz respeito. Além disso, resume as discussões desenvolvidas em colóquio sobre o ensino da literatura realizado na França em 1971, começando a levantar, ainda que de maneira dissimulada naquele momento do texto, que a obra merece a participação efetiva de seus leitores. Os adolescentes, por exemplo, passariam a produtores e não mais simples receptores dos textos. A criação substituiria a reprodução, ou, nas palavras da própria autora, o "aprender a aprender".

Após destacar a realidade francesa, as reflexões são dirigidas para a realidade brasileira. A autora parece buscar enfatizar, seguindo sua linha de raciocínio, os momentos em que aqui as discussões também parecem retomar algumas das colocações dos franceses; entre elas, a de que os professores e alunos não só veiculem um discurso sobre a literatura, mas também a produzam e a sintam. Porém, todos os estudiosos brasileiros que pensam a literatura e que implantaram a Teoria da Literatura nas faculdades, como relata a própria Chiappini, não vêem o problema do ensino como algo que deva partir da produção de textos pelos próprios "letores", mas como algo que devam adquirir no contato com textos já reconhecidos.

Na verdade, a discussão sobre a Teoria da Comunicação se aprofunda. Discute-se sua validade, sua função, seu objetivo, seu papel como disciplina e modo de formação para o trabalho com textos.

Na seqüência das discussões, entre as demais que poderiam ser elencadas, destaca a importância e defende o seminário reprodutor e produtor ao mesmo tempo, sem metodologias rigorosas ou planejamentos rígidos e apresenta o perfil do aluno de Letras.

Passa, em seguida, para os maiores educadores da França e do Brasil, salientando que a literatura na faculdade, ao contrário do que deveria acontecer, é um veículo de alienação, ostentação de cultura.

Em relação às universidades, ou mais especificamente a Universidade de São Paulo, destaca que a arte literária está inserida, muitas vezes, dentro de um contexto mais amplo. A USP, segundo a

autora, por exemplo, teria sido pensada para formar as elites dirigentes do país. A "produção e fruição" não tinham espaço. Destaca também que não há arte literária na universidade e afirma que as ciências humanas estão desprestigiadas, mas esboça sua proposta para a arte literária e reafirma que as faculdades de Letras deveriam ser espaços privilegiados para a arte da palavra, para seu desenvolvimento.

Discute o fato de que devemos reaprender a ler e oferece várias visões sobre o assunto, enquanto apresenta sua proposta abertamente: a arte deveria ser "reinstalada no nosso cotidiano". Para tanto, apresenta e defende o que denomina de pedagogia da admiração que, entre vários outros, tem como princípios gerais a defesa de uma pedagogia que "pressupõe o conhecimento e o aproveitamento do repertório do aluno; o conhecimento e o respeito às suas expectativas e, ao mesmo tempo, um trabalho no sentido do alargamento desse repertório e expectativas", p.100, e "a não imposição de um gosto", ou seja, a retirada da culpa do professor e dos alunos em relação a textos que não são consagrados ou reconhecidos pela crítica e pela escola.

Na seqüência de sua reunião de textos vai contra o manual, pois acredita que o saber deve ser produzido e não algo que se recebe pronto. Sugere como deveria ser trabalhado o texto/arte literária.

Entrevistas com alunos e professores, de como estes vêem ou sentem o ensino da literatura, fecha o trabalho.

De todo o texto, aqui sucintamente colocado, a apresentação de uma alternativa pedagógica concreta e clara - o que a autora denomina de pedagogia da admiração - com conceitos que mexem profundamente ou radicalmente com as estruturas já estabelecidas e solidificadas durante muitos anos, parece ser o que mais incomoda. Resta saber se os envolvidos no processo ensino/aprendizagem adquirirão a responsabilidade de "aprender a aprender", pois o que vemos são alunos acostumados ao paternalismo e professores à transmissão pura e simples de ensinamentos. Ficamos pensando se não seria uma utopia aspirar a quebra deste sistema estabelecido e fortemente enraizado em nossa cultura.

O texto de Chiappini, por outro lado, nos faz refletir sobre a relação e a preparação de futuros professores. Fica impossível não pensar, a partir da leitura de *Invasão da catedral: literatura e ensino em debate*, o quanto "conservador" a Teoria da Literatura ou uma ciência da literatura, nos moldes atuais, se apresenta. A arte literária como produção do próprio aluno, desenvolvimento da criatividade, do aprender a aprender, negando qualquer imposição, comparação ou regra que possa desmerecer o que foi produzido pelo aluno incomoda, ou deveria incomodar, a quem pensa ou atua diretamente no ensino da literatura. Este talvez seja o primeiro passo para o resgate e uma resposta de Chiappini sobre qual seria a função da literatura. A produção, neste caso, seria o ponto de partida e de chegada para o ensino.

Se considerarmos que a literatura está no processo de socialização do homem, veremos que o que a autora busca, em outras palavras, é sensibilizar para os valores artísticos, o que se daria por meio da construção de uma literatura própria de cada indivíduo e que fatalmente desembocaria na percepção do que realmente faz um texto adquirir o status de literário, ou seja, sua literariedade.

Cabe a nós acadêmicos, professores, alunos, pesquisadores etc. decidirmos se queremos - usando a figura criada pela autora - invadir catedrais.